



SOBERANIA ALIMENTAR DO POVO INDIGENA DA ETNIA MYKY, EXEMPLO DE RESISTÊNCIA

Soberanía alimentaria de los pueblos indígenas de la etnia MYKY ejemplo de fuerza

FERRAZ, Rodolfo¹; FILARDO, Natalia²; AMARANTE, Elizabeth³.

1 Técnico Ambiental do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), rodolfo.madeira@hotmail.com
técnico Ambiental; 2 Engenheira Florestal do CIMI, natalfloresta@gmail.com; 3 CIMI,
bethMYKY@gmail.com

Resumo:

A equipe do CIMI - Conselho Indigenista Missionário - atua junto ao povo MYKY, na aldeia Japuira, território indígena Menku, localizado no município de Brasnorte, MT, propõe-se fortalecer e resgatar a importância das sementes indígenas pois estão sobre forte e constante ameaça do modelo de agricultura adotado e priorizado no país. Além de incentivar à resistência é importante ajudar a conquistar espaços de autonomia, uma vez que a ameaça à soberania alimentar afeta a base do sustento da humanidade. Assim, a valorização da cultura e o envolvimento dos jovens são os resultados previstos a partir desta experiência.

Palavras-Chave: Cultura, povos indígenas, MYKY e jovens.

Resumen: El equipo de CIMI – Conselho Indigenista Missionário – actua junto al pueblo MYKY, en la aldea Japuira, territorio indígena Menku, en el municipio de Brasnorte, MT. El equipo se propone fortalecer y rescatar la importancia de las semillas de los indígenas pues ellas sufren fuerte y continua amenaza de parte de un modelo de agricultura adoptado y priorizado en el país. Además de proponer resistencia es importante ayudar a conquistar espacios de autonomía, ya que la amenaza de la soberanía alimentaria afecta a la base dela subsistencia de la humanidad. Por lo tanto, la valorización de la cultura y la participación de los jóvenes son los resultados previstos desde esta experiencia.

Palabras Clave: Cultura, pueblos indígenas, MYKY y juventud.

Contexto

A experiência acontece no Noroeste de Mato Grosso, município de Brasnorte, na aldeia Japuira Terra Indígena do povo MYKY. Os MYKY pertencem a um troco linguístico isolado e foram contatados pelos jesuítas no ano de 1971. Hoje possuem uma população de 133 pessoas, numa área de 47 mil hectares: transição entre Floresta Amazônica e parte do Cerrado. Um lugar exuberante de grande biodiversidade e um contexto de simplicidade e convivência comunitária.

Os MYKY dominam uma tecnologia de produção social altamente eficaz de roças de toco tradicionais muito ricas e com muitas espécies de cultivares crioulas, plantados, sempre consorciados e obedecendo às leis da natureza.



É nesta área e neste contexto, junto ao povo MYKY, que a entidade CIMI, atua orientada pelo seu objetivo maior de *“Intensificar a presença e apoio junto às comunidades, povos e organizações indígenas e intervir na sociedade brasileira como aliados(as) dos povos indígenas, fortalecendo o processo de autonomia desses povos na construção de um projeto alternativo, pluriétnico, popular e democrático”* (XI Assembleia Geral do Cimi, 1995).

Sabendo-se que a alimentação tradicional é fundamental para a saúde indígena a equipe atuante na área, e também residente em tempo integral desde 2011, se propõe fortalecer o uso dos alimentos tradicionais e produzir uma alimentação saudável, agroecológica, através do fortalecimento das roças tradicionais, incentivando os resgates de sementes nativas, mobilizando os jovens e promovendo intercâmbios junto a outros povos indígenas. A proposta envolve diferentes etnias e diversas comunidades indígenas no Mato Grosso onde os missionários do Cimi atuam: MYKY, Rikbaktsa, Arara, Bororo, Xavante, Tapirapé, Kayabi, Negarotê, Enawenê-nawê, Kayabi.

Assim, toda a proposta de trabalho tem o objetivo de fortalecer as práticas tradicionais da economia indígena em vistas à resistência da Soberania Alimentar do povo MYKY e de outros povos.

Descrição da experiência

Este trabalho se dá através de observação participativa e intervenções técnicas agroecológicas dentro da Comunidade MYKY, pautado sempre em metodologias participativas, buscando alcançar os objetivos propostos.

Desde dezembro de 2011, a equipe do Cimi Regional Mato Grosso identificou a fragilidade das sementes tradicionais nas comunidades indígenas que atende. Sendo assim começou um trabalho de monitoramento das roças e das sementes que estariam se perdendo devido a vários fatores como, por exemplo, a entrada de sementes não crioulas, a propensão de pragas vinda de outras culturas e também a desvalorização dos mais novos na arte do plantar.

A cidade de Brasnorte é zona de expansão da fronteira agrícola, onde a exploração de madeira acontece nos fragmentos de floresta e também ilegalmente dentro das terras indígenas. A franca expansão das monoculturas (soja, milho, algodão) e da agropecuária da cidade exerce influência direta na cultura indígena presente no local.

A colonização da cidade acontece desde a década de 70, com predominantemente migrantes da região sul, adquirindo a característica do modelo da chamada “revolução verde”, com pacotes prontos de agricultura, tentando introduzir sementes que dizem ser melhoradas assim como insumos, ameaçando a soberania alimentar



dos povos, através da grave erosão genética e cultural, conforme CARVALHO afirma:

Após os processos de colonização, a orientação agroexportadora ou os cultivos que podiam se vender rapidamente nos mercados estão produzindo uma enorme erosão genética e cultural, coadjuvando para expulsar os atores da biodiversidade das suas comunidades e do acesso aos recursos, incluída terra e o território. A introdução de transgênicos acrescenta novas ameaças: a contaminação biológica e os processos que ela acarreta, tais como a potencial desestabilização de espécies e a perda das sementes locais (2003, p. 57).

Analisando a situação de ameaça das sementes é que a equipe do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) do Mato Grosso inicia o trabalho de monitoramento das sementes e também das roças da comunidade indígena MYKY. Logo se percebe que o milho é umas das sementes mais frágeis devido a seu fácil cruzamento.

As variedades tradicionais de milho MYKY são o: fofo (mole) amarelo e vermelho. No ano de 2012 começou um trabalho de seleção de sementes e armazenamento das mesmas, pois constata-se que muitas sementes se perdem por não ter um bom armazenamento.

A equipe do CIMI atuante na aldeia MYKY começou então um trabalho de campo indo junto com os MYKY aos roçados e começando a fazer a própria roça. Assim, foi cedido pela comunidade um pedaço de terra para ser feito um roçado da equipe do CIMI. Inicia-se então a fazer o enriquecimento das roças com outras variedades crioulas de outros povos como: diversas espécies de banana vermelha, cana de açúcar, mamão, araruta comprida, mandiocas de farinha, cabaças redondas, compridas, etc...

Estas variedades provindas de outros povos foram adquiridas através de outra frente de trabalho: as “trocas de saberes e sementes indígenas”. Nessa proposta, a equipe do CIMI com algumas pessoas da comunidade MYKY vão às aldeias promover o intercâmbio tanto de saberes como de sementes, o que já acontece também desde 2013. Ao todo já cinco povos foram visitados com êxito: Tapirapé, Kayabi, Negarotê, Rikbatsa, Enawenê-Nawê e uma troca com pequenos produtores na região de Jangada- MT.

Na partilha da troca de saberes com os anciões e a comunidade visitada, aprende-se sobre modo de plantio, mitos das sementes, formas de plantar, como conservar tubérculos para plantios seguintes e observa-se a enorme diversidade de sementes de um povo para outro. Todo conhecimento é utilizado como estratégia para escolha das próximas roças.

No diário de contato como povo MYKY de Thomaz de Aquino Lisboa, ele relata que naquela época da década de 70 existia uma grande variedade de alimentos que o



povo MYKY domesticava como: milho fofo, carás, feijões favas, feijões costela pequeno, diversas mandiocas, ararutas, batata doces, amendoim pequeno. As roças eram fartas com seus variados cultivares.

Já passados 41 anos de contato com a sociedade não indígena, muitos cultivares foram incorporadas como banana, mamão, cana de açúcar, abacaxi e variedades de milho duro, amendoins, e abóboras, entre outros. A proximidade da aldeia em relação à cidade de Brasnorte (60 km) contribuiu para a desvalorização da alimentação tradicional e a busca por alimentos industrializados na cidade.

Percebe-se que, mesmo com a transição no modo de alimentação, a resistência dos mais velhos persiste em não deixar de plantar e fazer as roças tradicionais, pois a roça tem relação direta com sagrado. Percebe-se também, através dos mitos, o quanto a importância e a simbologia dos espíritos ligados ao cultivo das roças, perduram vivas ao longo do tempo.

O preparo da roça, seja ela familiar ou ritual, é iniciado em meados do ano, na estação de seca, quando se escolhe o local para a derrubada. Em seguida, com foice e machado, é feita a limpeza da área escolhida e deixa-se por três meses até que o mato esteja seco. São feitos aceiros e ateia-se fogo, realizando a queimada com ajuda dos homens da comunidade. Assim, esperam-se as primeiras chuvas para iniciar o plantio das variedades tradicionais e introduzidas.

No ano de 2012, o lugar escolhido pela equipe do CIMI para cultivar o primeiro roçado foi perto da roça de um ancião de nome Xinuxi MYKY. No ano de 2013, escolhemos a proximidade da roça de Mãty'y MYKY. Aproveita-se as idas e vindas até às roças para conversar com eles sobre os modos de plantar, ouvindo suas histórias de como eram as roças antes do contato, quais as sementes que tinham naquele tempo.

Cabe ressaltar que quando o Povo MYKY foi contatado era um grupo pequeno de 23 pessoas, sobreviventes de um massacre (étnico com os Rikbathsa) acontecido no início do século por seringueiros se adentrando nas frentes de expansão. A partir dessa época sempre estavam em constante fuga, seja dos seringueiros seja também do povo Rikbaktsa com quem tiveram várias atritos e vários MYKY foram por eles flechados e mortos. Em 1971, o primeiro contato foi realizado pela Missão Anchieta, através de Thomaz de Aquino Lisboa e Vicente Cañas, juntamente com Tuxie e Tapura, dois indígenas do povo Irantxe. Em seus diários, Thomaz relata que os MYKY ainda usavam instrumentos rudimentares como machado de pedra lascada, para fazer suas roças. Esse dado é interessante, pois diferentes da região por conta da pressão externa da sociedade envolvente surrupiavam instrumentos de aço como machado convencional, arames etc...

Os MYKY realmente impressionam pelos seus hábitos de sobrevivência, sempre ligados às suas cosmologias e aos seus mitos de criação. São de uma grande riqueza



os mitos referentes à roça, assim como mitos sobre constelações e sobre a imensa variedade de animais.

Embora haja toda essa riqueza cultural percebe-se que isso atualmente já não seduz os jovens da aldeia. O deslumbramento das coisas de fora, o novo da cidade, o fascínio da técnica chama mais a atenção dos jovens e polarizam seu interesse. Nesse novo contexto, surge outra frente de trabalho, outra perspectiva de atuação e assessoria que é a mobilização dos jovens, a necessidade de sensibilizar a juventude, resgatar os grandes valores tradicionais da roça, dos plantios e das sementes crioulas, da arte, da sabedoria e dos conhecimentos científicos de suas culturas milenares.

Resultados

Desde o começo dos trabalhos, ao longo desses anos de 2011 até 2015 acompanhamos um crescente interesse e despertar da comunidade MYKY frente à triste realidade das ameaças presentes, sobretudo da parte do agronegócio em relação ao território MYKY. Tanto os anciões quanto a juventude vem demonstrando sempre maior preocupação e cuidado pela terra, pois este sim é o verdadeiro “mercado”, onde tudo se planta e se colhe. As roças tornam-se cada vez mais fartas com outras variedades, apresentando qualidade agroecológica, a verdadeira soberania alimentar de procedência da própria aldeia, produtos que se transformam em comida que alimentam os corpos e os espíritos.

Valorizar as sementes dos MYKY tem sido algo de grande importância neste momento em que o modo de alimentação está em transição devido à forte influência mercadológica. “No afã da realização máxima dos interesses privados, os grandes grupos econômicos nacionais e multinacionais tem negado os valores que não sejam coadjuvantes do lucro” (CARVALHO, H, 2003).

É de conhecimento geral os efeitos maléficos da comida procedente da agricultura convencional, contaminadas com agrotóxicos, desrespeitam as sementes de Deus. De acordo com a cultura MYKY, o mito da origem da roça narra que toda a roça, todos os produtos surgem do plantio do menino que pediu à mãe para ser enterrado a fim de se transformar em alimento para seu povo: uma providência espiritual e sagrada. Por isso a roça comunitária é sempre um momento ritual e nesses momentos acontece à iniciação dos meninos.

Atualmente, os MYKY vêm manipulando as próprias sementes. É a resistência indígena que ainda perdura alimentando pessoas, animais e culturas. Pode-se então ter ainda a sensação magnífica de sentir o gosto do milho fofo, do feijão fava, do cará roxo! É indescritível suas variedades de cores se confundem com os sabores dos alimentos e alguns deles são tão grandes que impossível uma só pessoa comer!



A natureza dita sua própria forma e beleza! Tudo chega tão rico e tão cheio de história e simbolismo que realmente não tem preço a experiência e o Bem Viver dos povos nativos.

Agradecimentos

Aos missionários que lutam pela causa e resistência indígena em especial: Irmão Vicente Cañas, assassinado em 1987, em defesa dos territórios indígenas, ao Thomaz de Aquino Lisboa, que vive na comunidade desde o contato pacífico estabelecido por ele com o povo MYKY, iniciando aquilo que denominou de “missão calada” pois esse novo tipo de enculturação nem sempre era compreendido, e a irmã Elizabeth Rondon Amarante, que vive na comunidade desde 1977 convivendo e apoiando esse povo.

Referências bibliográficas:

AMARANTE, Elizabeth. Espaços culturais e eixos temáticos: uma abordagem da roça myky como proposta pedagógica, Seeja PUC RJ 2010.

CARVALHO, H.M. SEMENTES. Patrimônio da humanidade. Editora Expressão Popular, 2003.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário, in: www.cimi.com.br.

LISBOA, Thomaz de Aquino. Entre os índios Munku, a resistência de um povo, Loyola, SP. 1979.